
Sementes Mantém a Sabedoria Viva

Nosso mundo está enfrentando complexos desafios de sustentabilidade que ameaçam não só nossa capacidade de alimentar a crescente população, mas também de nutri-la. A Revolução Verde e a introdução de inovações tecnológicas sofisticadas já foram consideradas a melhor maneira de satisfazer as necessidades alimentares da população mundial. Infelizmente, esta abordagem não chega perto de atender a estas necessidades e a cada ano mais pessoas se tornam subnutridas, tanto de alimentos quanto de sabedoria.

As sementes têm um papel fundamental para enfrentar este desafio. Elas são o primeiro insumo para a produção de alimentos e um reservatório de diversidade e sabedoria biocultural. Elas possuem a diversidade genética necessária no caso de pragas e doenças das plantações. As sementes armazenam décadas de conhecimento que são transmitidos através de gerações e comunidades que produziram, criaram e trocaram sementes. Famílias e agricultores cultivaram essa sabedoria ao transmitirem receitas, práticas, rituais e histórias.

As divisões sociais do trabalho muitas vezes colocam as mulheres encarregadas de coletar, economizar, trocar e manter as sementes. A transmissão do conhecimento através das sementes tornou-se um instrumento para sua comunicação. As mulheres usavam as sementes como um nutriente: comiam, cultivavam, usavam como medicina e até mesmo como arte. As sementes eram comuns nos bens das mulheres como eram os têxteis, onde eram trabalhadas em fios multicoloridos no processo coletivo de tecelagem em comunidades.

Transformações recentes na forma como as sementes são produzidas, criadas e trocadas, levaram a uma grande perda de diversidade biocultural, de atividade cultural e da sabedoria que vem com ela. O surgimento de novas tecnologias baseadas na genômica e a difusão mundial de rígidos direitos de propriedade intelectual que restringem o uso de material de sementes causaram uma mudança no controle - de agricultores familiares a agrônomos e instituições públicas e, hoje em dia, em sua maioria, a empresas privadas. A propriedade também se deslocou de mulheres para homens. Hoje, apenas três empresas agroquímicas dominam o cultivo comercial de plantas e os mercados globais de sementes. As sementes se tornaram um mecanismo para lucros corporativos.

Vários desafios surgiram a partir destas mudanças de controle. As empresas globais, que agora dominam o mercado, concentram seus esforços de cultivo em grandes mercados comerciais de sementes. Cultivos menores, ambientes agroecológicos marginais e as necessidades dos pequenos agricultores (a maioria dos agricultores do mundo) são negligenciados, resultando em uma diversidade de culturas diminuída, variedades de sementes inadequadas (para muitos agricultores) e uma variedade muito mais restrita de sistemas agrícolas. As sementes também foram retiradas das casas e, com elas, as receitas, medicamentos, práticas e conversas associadas são perdidas também. A sabedoria tecida pelas sementes está se rompendo.

Muitos grupos estão preocupados com o futuro das sementes e estão propondo alternativas para multiplicação, reprodução e troca de sementes. A alternativa mais conhecida é o "banco de sementes", que se destina a armazenar e manter a diversidade das sementes que ainda temos. Suas condições frias e secas são vistas como a forma mais segura de manter as sementes, mas elas estão longe das comunidades e são inacessíveis aos agricultores e aos grupos de mulheres que tradicionalmente cuidam das sementes. Embora estes bancos tenham contribuído para manter a

diversidade genética, eles não preservam a sabedoria cultivada e criada por grupos geracionais, mas demonstram como favorecemos a sistematização em detrimento do conhecimento local. O conhecimento local é uma forma de sabedoria que se baseia em contos falados, na confecção de jóias, remédios e receitas, práticas difíceis de codificar. Isso pode ser uma coisa boa.

Questões importantes surgem quando percebemos que não é possível manter todas as variedades de sementes restantes em um banco. Que sementes são mantidas? Por que elas são consideradas mais importantes do que outras? Quem decide quais sementes devem ser preservadas? Que tipo de agricultura estão servindo? Quem é o proprietário dessas sementes?

Algumas comunidades encontraram uma solução intermediária - abrigos de sementes: pequenos depósitos locais onde as pessoas guardam as sementes para suas comunidades. Os agricultores podem emprestar as sementes para cultivar suas culturas com a promessa de depositar a mesma quantidade, ou mais, de volta no final da estação.

Há muitas vantagens neste sistema. Primeiro, a comunidade decide quais sementes são estrategicamente benéficas para sua soberania e, portanto, quais serão preservadas. Segundo, dado que as sementes circulam, são criadas, armazenadas e emprestadas, elas estão vivas e há muito menos risco de perderem seu poder germinativo e de morrerem. Terceiro, uma vez que as sementes são de sua comunidade, os agricultores têm o poder de decidir o que cultivar, como e quais adaptações para o co-desenvolvimento. Finalmente, esta forma de circulação de sementes é feita de mão em mão, pessoa a pessoa e palavra a palavra, o que significa que ela permite conversas, transmissão de conhecimento e compartilhamento de sabedoria.

As iniciativas do setor acadêmico também buscam desafiar os rígidos direitos de propriedade intelectual colocados sobre as sementes. Inspirados

pelo software de código aberto, grupos acadêmicos criaram ferramentas para o gerenciamento de sementes.

Um exemplo é o *Bioleft*, uma iniciativa argentina que facilita o intercâmbio de conhecimentos relevantes para o desenvolvimento de novas sementes. A iniciativa procura conectar as capacidades dispersas existentes e criar novas, permitindo uma rede de criadores de plantas do setor público, criadores independentes, agricultores e cultivadores orgânicos/agroecológicos para trocar, testar e melhorar de forma colaborativa o novo germoplasma em múltiplos locais.

Existem três ferramentas chave que foram desenvolvidas na Argentina para este fim. Primeiro, três tipos de licenças de "contrato de transferência de material" de código aberto foram projetadas para permitir o intercâmbio legal de sementes entre os participantes da rede, garantindo a livre circulação do material trocado e testado. Em seguida, foi formada uma rede composta por criadores, associações de agricultores e outros atores comprometidos com o desenvolvimento desta iniciativa. Finalmente, a rede co-produziu uma plataforma digital para facilitar a troca de informações, conhecimentos e germoplasma entre cultivadores e agricultores, e os testes distribuídos de germoplasma. A plataforma digital destina-se a permitir que agricultores e cultivadores se comuniquem sobre as exigências de sementes e características, bem como a entrada e compartilhamento de dados sobre seu desempenho em diferentes contextos.

Assim como os abrigos de sementes e a *Bioleft*, múltiplas iniciativas ao redor do mundo estão buscando abordar os desafios de sustentabilidade que estamos enfrentando como resultado das transformações na produção, reprodução e intercâmbio de sementes. Todas elas têm contribuições que estão trabalhando para fazer um sistema agrícola melhor. É essencial que as iniciativas respeitem e aumentem a soberania das comunidades e estabeleçam as sementes como um bem comum. É preciso trabalhar

rapidamente para conectar todas as iniciativas, para tecer uma rede de sementes que distribua, socialize e honre a sabedoria que as mulheres têm cultivado e trocado. Para manter a diversidade biocultural, é necessário promulgar regulamentações que não criminalizem o intercâmbio de sementes e, em vez disso, devolver o poder das sementes às comunidades. Para isso, as sementes devem ser livres e devem voltar para casa. Com iniciativas como a *Bioleft*, temos o objetivo de realocar pessoas com sementes e território.

Autoras:

Almendra Cremaschi, Anabel Marín e Patrick van Zwanenberg: Bioleft; Conselho Nacional de Pesquisa Científica e Técnica (CONICET); Centro de Pesquisa para a Transformação (CENIT); Escola de Economia e Negócios, Universidad Nacional de San Martín (UNSAM).

Vanesa Lowenstein: Bioleft; Centro de Estudos Interdisciplinares de Direito Industrial e Econômico, Universidade de Buenos Aires / FLACSO.

Referência

http://www.foodphreaking.com/issue04.pdf/FoodPhreaking_04.pdf, página 47.